

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano II — Número 17

Maio de 1964

QUANDO SE TORNA NECESSÁRIO UM REAVIVAMENTO NA VOSSA IGREJA

- QUANDO o culto de oração é escassamente concorrido.
- QUANDO a assistência é menor nas ocasiões de Santa Ceia.
- QUANDO o espírito missionário declina.
- QUANDO os membros retêm o dízimo.
- QUANDO as ofertas para as missões diminuem.
- QUANDO os membros não acham tempo para o culto familiar.
- QUANDO os membros calcam aos pés os limites do Sábado.
- QUANDO os membros não têm bastante interesse no progresso da Mensagem, deixando de assinar nossas revistas e de adquirir nossos livros.
- QUANDO os princípios da verdadeira reforma da saúde são desprezados.
- QUANDO se lêem diariamente os jornais e revistas mundanos, com exclusão da Bíblia e de outras leituras religiosas.
- QUANDO os membros buscam a convivência de pessoas do mundo, em vez de se comunicarem com domésticos da fé.
- QUANDO os membros gastam tempo e dinheiro a embelezar seus lares, queixando-se quando se fazem apelos para levantamento de fundos para ajudar o avanço da Obra do Senhor.
- QUANDO os membros criticam os oficiais da igreja ou os obreiros.
- QUANDO há ostentação no vestuário, com uso de jóias e adornos mundanos.
- QUANDO o espírito de crítica prevalece entre os membros.
- QUANDO predomina o amor dos divertimentos.

Se estas condições se observam de algum modo em vossa igreja, buscai diligentemente a Deus para alcançardes um reavivamento de Sua Obra entre vós. Começai por vos consagrar de novo a Deus, esforçando-vos depois pelo reavivamento dos outros.

Autor Anónimo

Uma Carta

do

Presidente da Conferência Geral

Prezados Irmãos na fé:

«Porque te deténs?» perguntou Ananias a Paulo naquele memorável dia em que visitou o arrependido perseguidor em Damasco, para orar pela recuperação de sua vista. Paulo tinha jazido em trevas e incerteza durante três dias — dias de profunda investigação de coração. Nunca antes tinha ele chegado a tão decisivo ponto da sua vida. Mas agora o tempo de espera tinha terminado. Os dias de seguir os seus próprios planos e preferências deram lugar a algo mais importante. Ele estava prestes a ser lançado numa carreira inteiramente nova, tão diferente quanto podia sê-lo da sua carreira anterior. Estava prestes a realizar-se o propósito do Senhor de enviar Paulo, o convertido judeu, aos gentios que se encontravam longe dali.

É bom saber que Paulo não se deteve. Levantou-se, foi baptizado, e, como disse mais tarde, começou a seguir «a visão celestial». Passaram-se longos anos e ele chegou ao fim da jornada de sua vida. Nessa altura declarou a sua satisfação pela decisão que tinha feito. Paulo nada lamentava. Sentiu-se feliz até ao fim da sua vida por ter estado ao serviço de Deus.

A pergunta: «Porque te deténs» é hoje dirigida a muitos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Um vasto campo de oportunidade e de serviço aguarda a muitos. Temos casas publicadoras excelentemente equipadas com trabalhadores altamente qualificados, e capazes e dedicados escritores. Estão produzindo livros e revistas que são atractivos e convidativos. Mas há urgente necessidade de colportores, que dêem todo o seu tempo onde isso seja possível, ou parte do seu tempo onde as circunstâncias não permitam doutra sorte. Muitos homens e mulheres que ho-

je estão seguindo com êxito outros ramos de actividade podiam não só ganhar monetariamente como colportores, mas ao mesmo tempo ter uma parte definida e importante na obra de Deus nestes dias finais.

É feito o apelo para que pessoas de êxito entrem neste importante ramo de trabalho na causa de Deus. Estamos alegres pelos que fecharam os seus estabelecimentos, deixaram a sua profissão e depuseram as suas ferramentas para responderem a este alto apelo. Decidiram não se demorar mais tempo. Deus os está abençoando e fazendo prosperar.

Mas necessita-se de mais. É duvidoso que haja uma única igreja na América do Norte, por mais pequena que seja, que não tenha nela um ou mais que poderia, com a preparação que o Departamento oferece, tornar-se um colportor de êxito. Fui informado acerca de um rapazinho de 6 anos e de um homem com mais de 70, ambos os quais atingiram recentemente notável êxito em vender a nossa literatura. A idade parece não impedir este trabalho.

No fim da jornada, quando a sabedoria de todas as escolhas será verdadeiramente avaliada, o dedicado colportor declarará, como Paulo, a sua satisfação pela escolha que fez. Então pode olhar com antecedência e confiança para a coroa reservada a todos os fiéis obreiros de Deus.

As grandes pirâmides do Egipto são um exemplo clássico de malbaratado esforço e interesse pessoal. A história do Egipto teria sido muito diferente se o emprego de tempo a dinheiro que foram para a construção das pirâmides tivesse sido dedicado à construção de estradas. As estradas teriam sido uma bênção para toda a nação; as pirâmides apenas exaltaram os dirigentes que as construíram para si próprios. Os cons-

Mantenhamos os nossos princípios

por W. R. Beach

Secretário da Conferência Geral

Numa recente assembleia anual, um delegado levantou-se e dirigiu mais ou menos as seguintes palavras aos irmãos reunidos:

«Não é necessário exercitarmos o nosso senso crítico ou sermos levados ao pessimismo, para vermos que as nossas igrejas se deixam penetrar pelo espírito do mundo. Seria cego quem se não desse conta disso. Já se não atribuí aos princípios o valor de outrora. São desdenhados e por vezes mesmo ignorados. Escolhem-se para ocupar lugares em nossas igrejas pessoas que não tomam a peito a manutenção de nossos princípios evangélicos ou que exercem neste domínio apenas uma bem fraca influência. Não será tempo de reagir?»

As palavras do delegado encontraram uma aprovação quase geral. Outras pessoas tomaram a palavra, quer para assinalar o seu acordo, quer para exprimir as suas reservas. Afirmou-se, por exemplo, que as Igrejas como tais, reagiam contra as infiltrações do mundo, mas que certo número de membros, tomados individualmente, não faziam outro tanto. Urgia, pois, realizar primeiramente uma obra individual, para depois se tratar do problema geral.

Devemos reconhecer que o problema individual é de primeira urgência. Quantos em nossas igrejas, se mantêm em difícil equilíbrio numa corda, tendo

trutores de estradas trabalham com os outros em mente; as pirâmides e monumentos reflectem apenas o próprio eu. Paulo não construiu pirâmides, mas percorreu as estradas do mundo para levar o Evangelho. Milhares de outros estão hoje seguindo o seu exemplo e percorrendo as estradas das nações com o convite evangélico sob a forma impressa. Talvez Deus queira que vos unais a eles.

R. R. Figuhr

Presidente da Conferência Geral

à direita a verdade, Deus, e à esquerda o erro, Satanás! Para dar mais relevo à sua vida dizem por vezes essas pessoas que, para poder aliviar melhor a miséria e compadecer-se das fraquezas dos outros, para servir melhor os interesses da «causa», é necessário ter experiência do mundo, fazer-lhe certas concessões sem consequências. Grave erro! Ninguém melhor do que Cristo Se compadeceu das fraquezas humanas, ninguém melhor do que Ele serviu os interesses do reino de Deus. E todavia nenhuma sombra jamais atenuou o Seu brilho. Foi isso que deu relevo à Sua personalidade.

Sugere-se, por outro lado, que devemos ter «o espírito da época». Sim, devemos ser do nosso tempo. A Bíblia não o proíbe. «Não peço que os tires do mundo, dizia Cristo falando dos seus discípulos, mas que os livres do mal», isto é, do mundo. Podemos estar NO mundo sem sermos DO mundo ou estarmos COM o mundo, sem servir a dois senhores, ou antes, sem nos esforçarmos por os servir. O cristão está no mundo mas o mundo não penetra nele.

Sem dúvida devemos ser do nosso tempo, aproveitando dele o que Deus lhe deu. Não podemos viver como se vivia outrora. A cada instante, sem mesmo darmos conta, somos do nosso século. Mas não devemos tornar-nos escravos dele. Aquele que relatava no Evangelho as palavras da oração sacerdotal acima citadas, escrevia aos filhos de Deus da sua época: «Não ameis o mundo nem o que no mundo há... porque o mundo passa, e a sua concupiscência, mas o que faz a vontade de Deus permanece para sempre». (I João 2:15, 16).

Tenhamos, pois, o cuidado de não sacrificar os nossos princípios para seguir o mundo. Vigiem particularmente quanto aos seguintes pontos:

- Casamento com incrédulos;
- Abuso da moda;

Associações comerciais;
Leituras nocivas;
Instrução profana;
Regime alimentar;
Prazeres e espectáculos.

Encaremos agora o problema sob o ponto de vista colectivo. Têm os nossos pregadores uma parte de responsabilidade? Sem dúvida alguma. A de manter resolutamente os nossos princípios, empenhando nisso toda a autoridade do ministério. Sem isso, a corrente de mundanismo que ameaça as Igrejas converter-se-á num rio devastador.

Não percamos nunca de vista que os interesses da Igreja são superiores aos interesses de qualquer membro.

Um ancião da igreja cuja conduta é duvidosa e que, por sua atitude ou por seus actos, sua influência ou conversação lança o descrédito sobre a Igreja, devia ser advertido e exortado com amor. Se não manifesta o desejo de mudar de vida, deve ser substituído. Escolher-se-á para ocupar o seu lugar uma pessoa verdadeiramente consagrada que honre os princípios da Igreja. Se não se age prontamente, toda a assembleia corre o risco de ir à deriva.

Uma diaconisa, uma professora primária, uma pessoa com um cargo na sociedade de jovens e que exerce pela sua maneira de trajar, os seus modos, suas companhias ou seu espírito mundano, uma influência tendente a enfraquecer a importância dos princípios do Evangelho, será caritativamente posta de sobreaviso. Se recusar mudar de conduta, prover-se-á a sua substituição.

Tudo isto, dir-se-á, é mais fácil de dizer do que de fazer. Mas deve fazer-se, ainda que custe. Se não se procede assim, se não se levanta nenhum protesto, o silêncio será sinónimo de consentimento.

Eis um caso difícil: o de uma cantora distinta. Deseja-se que ela ponha o seu talento ao serviço de Igreja e é escolhida como organista e directora do coro, sem ter em vista o facto de que o seu vestuário é mundano e que ela tira vaidade dos seus dons. Faz-se-lhe uma observação; ela ofende-se e ameaça retirar-se. Que fazer? Só uma coisa: se os princípios da Palavra de

Deus devem ser salvaguardados a todo o preço, e devem, essa artista será libertada da sua responsabilidade. Afinal a Igreja ganhará em ser privada de um talento que não está inteiramente consagrado ao serviço do Mestre. Terá vantagem em obter os serviços de um cristão sincero cujo sentido musical não é talvez tão desenvolvido mas que tem uma experiência cristã pessoal, testemunhada pela sua maneira de viver. Com efeito, o prestígio, a influência pessoal, as atitudes, a posição, a populariedade, os talentos, só têm valor quando sejam inteiramente consagrados a Deus e nunca devem ser aceites como substitutos de uma comunhão viva com o Senhor e de uma consagração completa ao Seu serviço.

Decálogo para os que vão à Igreja

1. Não venhas tarde ao culto, não; nem saias sem boa razão.
2. A língua debes restringir — falando, poderás ouvir?
3. Com alegria cantarás, não como um mudo ficarás.
4. O filho teu ensina bem quieto estar 'té o «Amém».
5. Oferta tua terás à mão p'ra evitar a confusão.
6. A igreja não é o lugar de teus negócios tratar.
7. Darás ao culto atenção, especialmente à pregação.
8. O culto é para teu bem, então não durmas lá, também.
9. É bom amigos encontrar, mas na igreja debes calar.
10. Amável sempre serás, e p'ra Cristo almas ganharás.

Trad. de Irma F. Jewell

Boletim Adventista

A BÍBLIA

por António Valente

A Bíblia é um livro incomparável, aquele que contém as maiores verdades, a moral mais elevada, o mais belo ideal. Comparada com os outros livros de carácter sagrado, — persas, indianos, árabes, — reconhece-se que a Bíblia é mais humana, mais compreensível e mais instrutiva.

O Corão é um pobre livro ao lado da Bíblia: — repetições, declamações, falta de lógica e de sequência nas ideias.

A literatura do Avesta é incomparavelmente inferior à da Bíblia.

Os livros dos brâmanes estão cheios de extravagâncias.

Nada nos deve admirar se a Bíblia é superior: Ela é a Palavra de Deus, a Sagrada Escritura, o Livro de Deus. Contém revelações divinas feitas através dos tempos a favor da humanidade pecadora. Portanto, devemos lê-la e meditá-la com fé, com amor e com reconhecimento. Ela é útil para nos guiar na nossa vida e para nos dirigir nos momentos de hesitação. (II Tim. 3:16-17).

Mas este livro não caiu do céu. Ele foi escrito por homens escolhidos e inspirados pelo próprio Deus. (II Pedro 1: 21). Naturalmente que estes homens, à parte raras excepções, quando escreviam, conservavam o livre exercício das suas faculdades mentais; por isso, as páginas das Escrituras estão marcadas pelo seu carácter individual, pelo seu estilo, pelas circunstâncias em que eles escreviam. Mas esta variação de estilo, longe de apresentar qualquer diferença de ideias ou de doutrinas, não nos agrada menos do que a sua unidade.

Este livro não foi publicado desde a sua origem num todo, como agora se nos apresenta. Pelo contrário, ele foi publicado em fragmentos, escritos em peles de animais, em papiros, em lâminas de metal, segundo as circunstâncias da época em que Deus ditou aos Seus servos as revelações. Foram precisos mais ou menos 1.600 anos para completar a Bíblia tal como hoje

nos é vendida. Deus chamou mais ou menos quarenta homens para tomarem parte na confecção deste volume. Os autores dos vários livros que compõem a Bíblia não se conheceram mutuamente e viveram em séculos diferentes. Muitas vezes desconheciam mesmo os escritos dos seus predecessores. No entanto as ideias sucedem-se com lógica, com sequência, sem contradições, mas reafirmando, talvez de uma outra maneira, as declarações dos seus antecessores. É que a fonte de inspiração é a mesma, embora tenham variado os instrumentos usados pelo agente revelador.

A maior parte dos livros que compõem a Bíblia foram escritos na Palestina, mas alguns apareceram bem longe deste País.

A Bíblia compõe-se de duas partes desiguais: o Velho Testamento e o Novo Testamento.

A palavra Testamento quer dizer pacto, aliança. Ele designa a aliança que Deus fez com a humanidade. Em II Corint. 3:14, Paulo nos diz que os escritos sagrados até à vinda de Jesus se chamam «O Antigo Testamento».

Diz Lacordaire: «Os dois levam o nome de Testamento, porque os dois contêm o testemunho de Deus e a descrição da Sua aliança com o homem, mas no que diz respeito à preparação desta aliança, o Testamento toma o nome de 'Antigo'; no que diz respeito à realização desta aliança, o Testamento toma o nome de 'Novo'. Ambos contêm a história do passado, a profecia do futuro e a teologia que une o passado com o futuro dentro da Eterna Verdade».

O Antigo Testamento que nos foi transmitido pelos judeus e que eles lêem cada sábado nas suas sinagogas, compõe-se de 39 livros que podemos dividir em três partes:

1. Os livros históricos: Pentateuco, Josué, Juizes, Rute, 2 de Samuel, 2

Continua na pág. 14

Reabilitação Católica de Lutero

por Ernesto Ferreira

Poucas pessoas há que tenham sido tão caluniadas como Lutero.

Não é raro ouvir-se, ou mesmo ler-se, que o Reformador alemão foi uma pessoa imoral. Para muitos, ele não passou de um padre apóstata, que, como tantos outros, abandonou a Igreja Católica apenas para se casar.

Se esta interpretação de Lutero continua em certas camadas religiosas, e se ainda encontrou em H. Denifle no início do século XX um defensor erudito, pode dizer-se com Johannes Hessen, que «felizmente a ciência católica há muito que abandonou Denifle»¹.

Com efeito, não há prova alguma de imoralidade que se possa apresentar contra Lutero para a época da sua vida de frade e padre. Por outro lado, não casou senão em 1523, ou seja seis anos depois da afixação das teses. Finalmente, constituindo um lar cristão, abençoado com seis filhos, refúgio de pobres e de perseguidos, manteve-se sempre fiel aos sagrados laços do matrimónio.

Se nos lembrarmos de que tudo isto sucedeu no tempo dos papas da Renascença, quando a corrupção moral alastrava entre o alto e o baixo clero, seria ridículo afirmar que Lutero necessitava de sair de Roma para satisfazer as suas tendências imorais.

Como se exprimiu o historiador católico S. Merkle, «seria uma triste prova de pobreza para a ciência católica, que ela não pode admitir, deixar criar a impressão de não ter, em frente da sua rival protestante, outra argumentação mais objectiva para se defender, e de ter de recorrer a tão indignos ataques pessoais.»²

Perante a inconsistência da acusação de imoralidade, alguns escritores passaram a considerar Lutero, não como um homem corrupto, mas como um psicopata, um doente da alma.

No dizer, porém, do já citado Prof. Hessen, também esta opinião «se acha já ultrapassada no estado actual da ciência católica acerca de Lutero.»³

Como admitir que tenha sido um doente mental o vigoroso pregador e administrador, o inspirado compositor de hinos religiosos, o sábio tradutor da Bíblia, o fecundo autor dos 83 volumes que as suas obras ocupam na monumental edição de Weimar?

Um historiador católico, J. Lortz, teve de chegar à seguinte conclusão: «O inegável é que ele (Lutero), não só na sua actividade científica, como na apostólica e administrativa, tais coisas fez, que a prova que com isso deu da robustez da sua saúde mental não pode deixar de considerar-se uma prova extraordinária.»⁴

Postas de lado as hipóteses da sua imoralidade e da sua psicopatia, o pensamento católico admite hoje que Lutero foi um extraordinário homem de fé e de oração.

Por estranho que pareça, são numerosos os testemunhos que na Igreja de Roma se levantam em favor da reabilitação de Lutero.

O notável teólogo católico alemão, Karl Adam, algumas de cujas obras se encontram traduzidas em português, refere-se ao grande Reformador como sendo «uma alma profundamente sã», que «tomava a sério a sua vocação de cristão e de padre.»⁵

O próprio Daniel-Rops, que não manifesta particular simpatia pela Reforma, considera que «é trair a verdade histórica e psicológica o recusar admitir que Lutero foi, profundamente, um desses homens para quem viver e crer são coisas sérias, um combatente das grandes lutas espirituais.»⁶

O carácter profundo da religião de Lutero é salientado nestas palavras de J. Lortz:

«Encontramo-nos diante de um secular, homem cheio de extraordinária força: de um homem que é como o mar agitado, imenso e profundo de forças. E nele antes de tudo, descobrimos logo o autêntico *homo religiosus*: não o *homo religiosus* de qualquer forma universal de Cristianismo, mas o con-

fessor da *theologia crucis*, o apóstolo de Cristo crucificado e da Sua religião da redenção e da graça. Para vermos nele a imagem do autêntico *homo religiosus* cristão, bastará ter presentes os seguintes factos: a sua ida para um convento, para ali, sem outras intenções e desinteressadamente, se entregar aos seus íntimos conflitos de consciência, para os vencer, se libertar do pecado e alcançar a posse de um Deus de misericórdia; a profundidade do seu conhecimento da Bíblia, com a qual, com este livro dos livros, contraíu um exemplar, eterno e fecundo matrimónio;... o modo como ele ensinou e soube orar, ele próprio; e ainda os conteúdos cristãos dos seus velhos e novos cântigos religiosos.

«A Palavra de Deus, tal como esta se apresenta ao homem, é, incontestavelmente, para Lutero a grande autoridade e a norma de todas as normas... O último fundo e a primeira fonte da graça de Lutero, tanto da sua pessoa como da sua obra, encontram-se sempre naquela plena realidade objectiva em que ele acredita e a partir da qual se gera nele toda a crença. E esta realidade é, para além de toda a determinação teórica possível, ou melhor, antes de toda a determinação, Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Crucificado e Redentor do mundo.»⁷

Algumas linhas acima foi feita referência a Lutero como homem de oração. Outro autor católico, A. Fischer, escreve a este respeito:

«É um grande prazer encontrarmos no homem de oração, que foi Lutero, uma porta de acesso para a compreensão de seu grande génio religioso...»

«Pode uma Igreja contar muitas grandes personalidades neste capítulo; nela, por mais rica que seja, haverá sempre lugar, porém, para mais uma, pelo menos: a de Lutero. Jamais poderá passar-se diante dele, das suas ideias sobre a oração e suas exortações a esta, sem lhes prestar atenção...»

«Devemos considerar este um não pequeno mérito do Reformador: não só através de seu modo pessoal de orar como através da sua doutrina da oração, soube dar à Cristandade uma convicção que jamais se perderá: a de que

para o cristão um único cânone existe nesta matéria, o da palavra e o do espírito de Deus, como eles se contêm na Sagrada Escritura.»⁸

Se bem que seja notável o progresso, que atrás assinalamos, feito pelo pensamento católico acerca de Lutero — que já não é considerado um imoral nem um psicopata, mas um homem de fé e de oração — vários teólogos de Roma vão até ao ponto de olhar para ele como um homem suscitado pela Providência para operar um necessário despertamento na Igreja.

Segundo Fr. X. Kiefl, «dando origem a um movimento espiritual que domina os séculos, a Providência quis por meio dele (de Lutero) purificar a Igreja.»⁹

É por isso que J. Hessen não receia escrever: «Històricamente, ou melhor, num ponto de vista histórico-religioso, Lutero vai entroncar na linha dos grandes profetas do Velho Testamento. Como estes, é também ele um campeão de Deus, inflamado por um santo entusiasmo. Também ele se propõe combater por um alto e puro ideal de amor divino, e por uma adoração de Deus 'em espírito e verdade'».¹⁰

Que os testemunhos que acabamos de transcrever ajudem os nossos leitores a apreciar Lutero como um dos mais nobres instrumentos de que Deus se serviu, em todos os tempos, para o regresso do Cristianismo às verdadeiras fontes da sua vida.

1) — Prof. Johannes Hessen, *Lutero Visto pelos Católicos*, tradução de L. Cabral de Moncada, 2.^a ed., Coimbra, Arménio Amado Editor, 1951, pág. 15.

2) — Apud Hessen, *op. cit.*, 16.

3) — *Ibid.*, pág. 17.

4) — *Ibid.*, pág. 18.

5) — Karl Adam, *Vers L'Unité Chrétienne*, Paris, Editions Montaigne, 1949, págs. 54 e 58.

6) — Daniel-Rops, *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, trad. port. de Eduardo Pinheiro, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962, pág. 332.

7) — Apud Hessen, *op. cit.*, págs. 22, 23 e 26.

8) *Ibid.*, págs. 20 e 21.

9) *Ibid.*, pág. 19.

10) *Ibid.*, pág. 29.

Posição própria na Oração

por E. G. White

Tenho recebido cartas a perguntar-me sobre a posição que deve ser assumida por uma pessoa que faz oração ao Soberano do Universo. Onde receberam os nossos irmãos a ideia de que deviam ficar de pé quando oram a Deus? Alguém que tem sido educado em Battle Creek por cerca de cinco anos foi convidado a fazer oração antes de eu falar à assistência. Mas ao vê-lo levantado direito sobre os seus pés quando os seus lábios iam abrir-se para iniciar a oração a Deus, por dentro minha alma impeliu-me a dar-lhe uma repreensão pública. Chamando-o pelo nome, disse-lhe: «Ajoelhe-se.» Esta é sempre a posição própria.

Luc. 22:41: «E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava.»

Actos 9:40: «Mas Pedro, fazendo-as sair a todas, pôs-se de joelhos e orou, e, voltando-se para o corpo, disse: Tábita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e vendo a Pedro, assentou-se.»

Actos 7:59-60: «E apedrejaram a Estevão, que em invocação, dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu.»

Actos 20:36: «E, havendo dito isto pôs-se de joelhos, e orou com todos eles.»

Actos 21:5: «E, havendo passado ali aqueles dias, saímos e seguimos nosso caminho, acompanhando-nos todos, com suas mulheres e filhos, até fora da cidade: e, postos de joelhos na praia, orámos.»

Esdras 9:5-6: «E perto do sacrificio da tarde me levantei da minha aflição, havendo já rasgado o meu vestido e o meu manto, e me pus de joelhos, e estendi as minhas mãos para o Senhor meu Deus, e disse: Meu Deus! Estou confuso e envergonhado, para levantar a Ti a minha face, meu Deus; porque as nossas iniquidades se multiplicaram

sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa tem crescido até aos céus.»

Salmo 95:6: «Oh, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou.»

Efes. 5:14: «Por causa disto me pohnho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.» E todo este capítulo será uma lição tão preciosa quanto possamos aprender, se o coração a aceitar.

Quando em oração a Deus a posição indicada é prostrado de joelhos. Este acto de culto foi exigido dos três hebreus cativos na Babilónia... Mas tal acto era preito que só devia ser prestado a Deus — o Soberano do mundo, o Dominador do universo; e esses três hebreus recusaram-se a dar essa honra a qualquer ídolo, mesmo que fosse de ouro puro. A fazer assim, estariam, para todos os intentos e fins, a prostrar-se ao rei da Babilónia. Recusando-se a fazer como o rei ordenou, sofreram o castigo, e foram lançados na fornalha de fogo ardente. Mas Cristo veio pessoalmente e andou com eles no meio do fogo e nada de mal lhes sucedeu.

Tanto no culto público como em particular é nosso dever prostrar-nos de joelhos diante de Deus quando Lhe dirigimos nossas petições. Este procedimento mostra nossa dependência de Deus.

Na dedicação do Templo, Salomão estava de pé a olhar para o altar. No átrio do Templo havia uma base de metal, e depois de subí-la ele ficou de pé e levantou suas mãos ao céu, e abençoou a enorme congregação de Israel, e toda a congregação de Israel estava de pé...

«Porque Salomão tinha feito uma base de metal, de cinco covados de comprimento, e de cinco covados de largura, e de três covados de altura, e a tinha posto no meio do pátio e pôs-se nela em pé, e ajoelhou-se em presença de toda a congregação de Israel, e es-

tendeu as suas mãos para o céu...»
II Cron. 6:13.

A longa oração que ele fez então era apropriada para a ocasião. Foi inspirada por Deus, respirando os sentimentos da mais elevada piedade misturada com a mais profunda humildade.

Uma Frouxidão Progressiva

Apresento estes textos comprovativos com a pergunta: «Onde recebeu o irmão H sua educação?» — Em Battle Creek. Será possível que com toda a luz que Deus tem dado a Seu povo sobre a reverência, ministros, directores e professores de nossas escolas, por preceito e exemplo ensinem os jovens a ficarem de pé na devoção como faziam os fariseus? Consideraremos isto significativo de sua auto-suficiência e importância-própria? Devem essas características tornar-se distintas?

«E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, cren-do que eram justos, e desprezavam os outros; dois homens subiram ao templo, a orar; um fariseu, e o outro publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possu-úo». Luc. 18:9-12. Foi o fariseu que a si mesmo se justificava que não se encontrava em posição de humildade e reverência diante de Deus; mas estando de pé em sua soberba auto-suficiência, ele contou ao Senhor todas as suas boas obras. «O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira». Lucas 18:11; e sua oração não se elevou acima de si mesmo.

«O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado». Luc. 18:13-14.

Temos a esperança de que nossos irmãos não manifestarão menos reverência e respeito ao aproximarem-se do único Deus vivo e verdadeiro do que os pagãos manifestam para com suas divindades idolátricas, ou estes povos serão nossos juizes no dia da decisão final. Falo a todos os que ocupam os lugares de professores em nossas escolas. Homens e mulheres, não desonrais a Deus pela vossa irreverência e grandiloquência. Não vós ergais em vosso farisaísmo ao fazerdes vossas orações a Deus. Desconfiai de vossa própria força. Não dependais dela; mas prostrai-vos frequentemente de joelhos diante de Deus, e adorai-O.

Prostrado de joelhos

E quando vos reunis para adorar a Deus, não deixeis de vos prostrar de joelhos diante d'Ele. Que esta acção testifique de que toda a alma, e corpo e espírito estão em sujeição ao Espírito de verdade. Quem tem examinado a Palavra diligentemente à procura de exemplos e orientação neste respeito? Em quem podemos confiar como professores de nossas escolas na América e nos outros países? Deverão os alunos voltar às suas pátrias depois de anos de estudos, com ideias pervertidas acerca do respeito, a honra e a reverência que deviam ser dados a Deus, e sem se sentirem sob o dever de honrarem os homens de cabelos brancos, os homens de experiência, os escolhidos servos de Deus que têm estado relacionados com a obra de Deus durante quasi todos os anos de sua vida? Aconselho a todos os que frequentam escolas na América ou em qualquer outro lugar a que não absorvem o espírito de irreverência. Compreendei ao certo por vós mesmos que espécie de educação necessitais, para que possais ensinar outros a obter a perfeição de carácter que suportará a prova que em breve sobrevirá a todos que vivem neste mundo. Convivei com os mais sólidos cristãos. Não escolhais os professores ou alunos pretenciosos, mas aqueles que mostram a mais profunda piedade, aqueles que têm um espírito de inteligência das coisas de Deus.

Estamos a viver em tempos perigosos. Os adventistas do sétimo dia fazem a profissão de ser o povo que guarda os mandamentos de Deus; mas estão a perder o seu espírito devocional. Este espírito de reverência para com Deus ensina aos homens a maneira de se aproximarem do seu Criador — com consagração e reverência pela fé, não em si mesmos, mas num Mediador. Assim o homem está seguro sob todas as circunstâncias em que se encontre. O homem deve vir ao escabelo da misericórdia de joelhos prostrados, como um subdito da graça, um suplicante. E ao receber benefícios diariamente da mão de Deus, deve sempre acalentar gratidão em seu coração, e expressá-la por palavras de agradecimento e louvor por esses favores desmerecidos. Os anjos têm estado a guardar o seu caminho durante toda a sua vida, não tendo ele visto muitas das ciladas das quais o livraram. E por esta protecção e vigilância feita por olhos que nunca cochilam e nunca dormem, deve ele reconhecer em cada oração, o serviço que Deus lhe presta.

Eles deviam louvar o Mais Sublime Deus na assembleia dos justos e na congregação. Todos os que tem uma noção de sua vitalícia ligação com Deus deviam estar diante do Senhor como Suas testemunhas, relatando o amor, as misericórdias e a bondade de Deus. Que as palavras sejam sinceras, simples, fervorosas, inteligentes, o coração inflamado com o amor de Deus, os lábios santificados para Sua glória não somente para anunciar as beneficências de Deus na assembleia dos santos, mas para serem Suas testemunhas em todo lugar. Os habitantes da terra devem saber que Ele é Deus, o único Deus verdadeiro e vivo.

Deve haver um conhecimento inteligente de como aproximar-se de Deus em reverência e piedoso temor com amor devocional. Há uma crescente falta de reverência para com o nosso Criador, um crescente desrespeito pela Sua grandeza e megestade. Mas Deus nos fala nestes últimos dias. Ouvimos Sua voz na tempestade, no rebombar do trovão. Ouvimos das calamidades que Ele permite nos terremotos, nas inundações e

nos elementos destruidores que levam tudo à sua frente. Ouvimos de navios que naufragam no oceano tempestuoso. Às famílias que tem recusado reconhecer-Lo às vezes Deus fala no turbilhão e na tempestade, às vezes face a face como Ele falou com Moisés. Ou segreda Seu amor à confiante criancinha ou ao decrépido e encanecido ancião. E a sabedoria terrestre torna-se sábia ao contemplar o invisível.

Cubram todos a sua face quando se ouve a pequenina voz que sucede ao turbilhão e à tempestade que deslocam as rochas, porque Deus está muito perto. Que se escondam em Jesus Cristo; porque Ele é o seu esconderijo. Sua mão ferida cobrirá a fenda na rocha enquanto o humilde suplicante prostrado espera para ouvir o que o Senhor diz ao Seu servo. — *Manuscrito 84b 1897*.

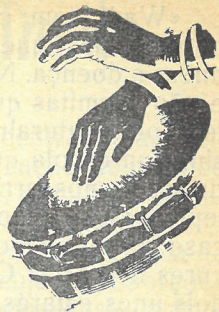
Não há tempo nem lugar impróprios para se erguer a Deus uma oração... Entre as turbas de transeuntes na rua, em meio de uma transacção comercial, podemos elevar a Deus um pedido, rogando a direcção divina, como fez Neemias quando apresentou seu pedido, perante o rei Artaxerxes. *Degraus de Vida Cristã*, pág. 88, 89.

Podemos falar com Jesus ao caminhar e Ele diz: Acho-Me à tua mão direita (Salmo 16:8). Podemos comunicar com Deus em nosso coração; andar na companhia de Cristo. Quando empenhados em nossos trabalhos diários, podemos exalar o desejo de nosso coração, de maneira inaudível aos ouvidos humanos; mas essas palavras não amortecerão em silêncio, nem serão perdidas. Coisa alguma pode sufocar o desejo da alma, Ele se ergue acima do borborinho das ruas, acima do barulho das máquinas. É a Deus que estamos falando, e nossa oração é ouvida. *Obreiros Evangélicos*, pág. 258.

Para orar não é necessário que estejais sempre prostrados de joelhos. Cultivai o hábito de falar com o Salvador quando sós, quando estais caminhando, e quando ocupados com os trabalhos diários. — *Ciência do Bom Viver*, pág. 511.

Tradução de *Selected Messages*, vol. II, págs. 511 a 516, por E. V. Hermanson

Histórias Africanas



As manchas da mão de Wadi

«Wadi não estou a gostar disso!»

Ester Kuyenda pronunciou estas palavras olhando para umas pequenas manchas nas costas da mão de Wadi. Paulatinamente, ele desviou os olhos do livro que estava a estudar, na sua pequena casa na Missão de Malamulo, e olhou para sua esposa.

«Está bem, não há-de ser nada. Sei que tenho estas manchas já há várias semanas mas não tenho tempo de ir ao hospital. Logo que os exames acabem e terminem as aulas, então teremos muito tempo e eu tratarei de saber o que são estas manchas e como me ver livre delas.»

Com isto, Wadi voltou-se para o livro e continuou a estudar.

Ele tinha razões para se sentir satisfeito com a maneira como a vida lhe corria. Após quatro longos anos de estudo, iria graduar no curso de catequistas e, no dia seguinte à graduação, o conselho escolheria uma escola para onde enviá-lo. Ele tinha uma esposa maravilhosa e filhos obedientes. Nada havia que o preocupasse — a não ser, talvez, aquelas manchas na mão. Mas o doutor dar-lhe-ia o medicamento apropriado e aquilo logo desapareceria.

Tudo correu como ele esperava. Desfrutou com prazer cada minuto da cerimónia da graduação até ao momento em que o diploma lhe foi entregue. No domingo à noite foi informado que iria ensinar na área de Ncheu, um dos novos campos do Norte.

Na manhã seguinte, fiel à promessa que fizera a Ester, Wadi foi ao hospital.

«Então, Wadi, que há?» perguntou amavelmente o médico.

«Sr. doutor, tenho aqui umas pequenas manchas nesta mão já há algumas semanas. Não há meio de desaparecerem. Gostaria que o Sr. doutor me desse algum remédio para me ver livre delas.»

O doutor segurou na mão de Wadi e examinou-a cuidadosamente.

Sentiu-se chocado ao ver sinais de uma das doenças mais terríveis deste mundo — a lepra!

«Wadi, senta-te nesta cadeira, por favor», disse ele.

Wadi sentou-se e o médico tapou-lhe os olhos com um lenço. Seguidamente, tirando um lápis afiado da secretária, ajoelhou-se e picou suavemente a perna de Wadi.

«Sentes alguma coisa, Wadi», perguntou-lhe.

«Não, Sr. doutor».

O médico sabia agora do que se tratava. Tirou a venda dos olhos de Wadi e sentou-se à secretária.

«Wadi», disse ele cheio de compaixão, «eu lamento muito mas devo dizer-te que tens lepra.»

Se Wadi fosse branco, teria empalidecido. Com o olhar aterrorizado, gaguejou: «Lepra! Tem a certeza, Sr. doutor?»

«Sim Wadi, tenho a certeza e lamento-o. Eu tenho visto centenas de casos de lepra para me enganar.»

Antes de Wadi deixar o consultório do médico, ambos se ajoelharam e o doutor pediu a Deus que desse coragem a Wadi e a Ester para suportar a prova que cairá sobre eles. Ao levantarem-se, o doutor deu-lhe alguns conselhos:

«Wadi, tem cuidado em casa. Tu não desejas que os teus filhos apanhem a doença. Não brinques com eles e não permitas que eles subam para o teu colo. Naturalmente já não irás ensinar na escola que o conselho te destinou. Vamos arranjar-te uma casa na leprosaria. Como descobrimos o teu caso no princípio, é provável que te cures depressa. Quem sabe se daqui a dois anos estarás bom e poderás ir para o campo?»

Wadi estava atordorado. A custo, cambaleou até casa. Ester viu-o chegar e adivinhou que alguma coisa de mau sucedera. Correu para o abraçar mas ele desviou-a com os braços e, em poucas palavras, contou-lhe o que o médico descobrira. Teria que deixar o lar e entrar na leprosaria.

No dia seguinte o médico mandou alguém ajudar Wadi a mudar-se. Ele empacotou as suas roupas e livros e foi para a leprosaria. Foi então que o médico abordou um importante assunto:

«Wadi, sabes que temos uma escola na leprosaria?»

«Sim. Tenho ouvido dizer que Pearson foi o professor durante muitos anos.»

«É verdade, mas ele já foi embora. Wadi, nós precisamos de um professor para aquelas crianças. Não queres tu aceitar essa responsabilidade?»

A princípio Wadi recusou. Ele não desejava misturar-se com outras pessoas. Depois começou a pensar que Jesus tinha deixado o Seu maravilhoso lar no céu para viver e trabalhar na terra e isto ajudou-o a resolver-se. Aceitou o trabalho.

Dois anos passaram-se rapidamente e o doutor alegrou-se em ver Wadi melhorar a olhos vistos. Finalmente chegou o dia feliz em que lhe pôde passar o certificado atestando que Wadi estava bom. Agora ele podia deixar a leprosaria.

Entretanto, durante aqueles dois anos, alguma coisa acontecera a Wadi. Ele aprendera a amar os leprosos e seus filhos. Não somente ensinara na escola, mas também dirigira o trabalho da igreja. Também tinham construído uma casa fora dos limites da leprosaria e sua esposa e filhos viviam ali. Pe-

sando tudo isto em seu coração, Wadi foi falar com o médico e fez-lhe a pergunta:

«Sr. doutor agora que estou curado, tenho mesmo que deixar a leprosaria?»

«Mas, Wadi, eu sempre pensei que só vivias para o dia em que pudesses sair!» exclamou o doutor.

«Sim, Sr. doutor, no princípio eu não pensava noutra coisa. Mas se eu me fôr embora quem tomará conta daqueles leprosos? Eu já não posso deixá-los.»

O médico apertou-lhe a mão, com emoção.

«Wadi, ninguém ficará tão contente como eu se resolveres ficar e cuidar da igreja e da escola da leprosaria.»

Wadi logo aceitou e permaneceu doze anos como guia dos leprosos de Malamulo. Ele teve o privilégio de ver muitos rapazes e meninas que ele ensinara, baptizarem-se, curarem-se da lepra e saírem para as suas aldeias onde contariam a história maravilhosa de Jesus que haviam aprendido de Wadi Kuyenda.

Virgil Robinson

ERRATA

No Mapa estatístico publicado no n.º de Abril do *Boletim*, pág. 28, os nomes dos dirigentes do Instituto e dos Campos Missionários saíram deslocados, devendo sofrer os seguintes correções:

Instituto: — Frank Dietrich

C. M. do Bongo: — José E. Rodrigues

C. M. do Cuale: — Carlos A. Esteves

C. M. do Lucusse: — Vitorino Chaves

C. M. da Luz: — Ataíde M. Candeias

C. M. da Namba: — António Valente

C. M. de Nova Lisboa: — J. E. Rodrigues

C. M. dos Ovimbundos: —

Visado pela Censura

Boletim Adventista

A Mensagem Adventista no Mundo

O Hospital Kettering

Os Serviços Médicos da Igreja Adventista, nos Estados Unidos, foram dotados de mais uma magnífica unidade hospitalar, graças à generosidade do multi-milionário Eugene Kettering e do seu amigo O. Lee Harrison.

Impressionados pelo vasto programa médico-missionário da Igreja Adventista e pela eficiência dos seus serviços, Eugene Kettering e O. Lee Harrison, que não são adventistas, mandaram construir em Dayton, no estado de Ohio, e ofereceram a esta Igreja um ultramoderno hospital de 400 camas, completamente equipado, que importou na fabulosa quantia de 330 mil contos. A participação de Eugene Kettering nesta obra extraordinária foi de 303 mil contos, tendo O. Lee Harrison concorrido com os restantes 27 mil contos para o levantamento e equipamento do último andar.

O hospital emprega 800 pessoas e dispõe de várias salas de operações, de laboratório de análises e de secções de radiologia, obstetrícia, pediatria e fisio-terapia. A limpeza dos instrumentos cirúrgicos é feita por um equipamento de alta-frequência. Para as crianças que podem levantar-se há uma sala de jogos, graciosamente decorada com figuras coloridas de animais. À entrada da secção de emergência há uma sala especialmente destinada aos jornalistas e à polícia. Ao lado de cada uma das quatrocentas camas, ao alcance do doente, há água corrente, telefone, interruptores de luz, campainhas e controles de rádio e de televisão. Os pavimentos são cobertos de carpetes especiais para abafar os ruídos e em todas as divisões do hospital há ar condicionado. Na cave do hospital estão instalados os refeitórios do pessoal, a cozinha, a tipografia, os armazens, a lavandaria, as salas para aulas sobre serviço interno, o auditório para reuniões do conselho hospitalar com lugares para 304 pessoas sentadas,

a central eléctrica e a central de aquecimento, que, por indicação do médico ou a pedido do doente, regula, em separado a temperatura de cada quarto.

O hospital tem ainda uma escola de enfermagem anexa, cujas proporções podem ser avaliadas pelo ginásio-auditório que comporta 1200 pessoas sentadas. Em volta do hospital há espaçosos parques para estacionamento de automóveis. A distância fica um enorme bloco residencial para alojamento do pessoal, estando os dois edifícios ligados por uma rua subterrânea.

Neal C. Wilson

Avião Missionário na Divisão Sul-Americana

A América do Sul é a primeira Divisão a iniciar, com a aprovação da Conferência Geral, o uso de um avião missionário numa área selvática onde não é possível obter transportes públicos. Clyde Peters, de Lincoln, Nebraska, servirá como piloto missionário do avião, que se chama *Fernando Stahl* em memória do nosso missionário pioneiro que trabalhou entre os índios do Norte do Peru. O Irmão Peters tem o *brevet* de piloto comercial e é também mecânico de aviões.

Este avião proporcionará transporte rápido e seguro para um certo número de estações missionárias que outra sorte seria difícil atingir. O avião tornará possível que as nossas famílias missionárias recebam auxílio médico sem as longas demoras que tantas vezes têm posto as suas vidas em perigo. Nossos obreiros poderão agora servir as várias estações rapidamente, sem ter de gastar semanas consecutivas confinados a uma canoa ou lancha, expostos aos constantes perigos das viagens na selva.

Que os anjos do Céu protejam o *Fernando Stahl* ao sobrevoar as selvas do Peru com a preciosa mensagem e mensageiros de Deus.

N. W. Dunn

Vitória na América do Sul

Graças ao Senhor por esta vitória! Este é o melhor e o maior relatório que jamais foi enviado desta Divisão. Regozijai-vos connosco; alegremo-nos e louvemos o nome do Senhor!

Todos se dedicaram ao trabalho com zelo, e todos ganharam a vitória. Alguns ganharam mais almas e outros menos, mas isso não mede o valor da vitória. Deus deu-nos 16.129 almas em 1963: o nosso alvo era de 15.000. Temos agora 158.775 membros na Divisão Sul-Americana! Em breve atingiremos 150.000, e esperamos que isso suceda em 1964.

Pela graça de Deus, e orando pelo necessário poder, esperamos atingir o alvo de 18.000 batismos que foi fixado para 1964; todavia, pedimos ao Senhor que nos dê 20.000!

Progressos da Mensagem na África

Um recente relatório da Divisão Trans-Africana salienta o notável avanço da Causa de Deus através de todo aquele grande campo.

Durante o ano de 1964 as fileiras Adventistas do Sétimo Dia foram aumentadas com a adição de 22.622 pessoas por meio do baptismo e de profissão de fé. Isto representa uma média de uma nova igreja de 62 membros cada 24 horas.

O total de membros baptizados atinge agora 215.000, ao passo que os membros da Escola Sabatina se elevam a 411.000. Cada mês em 1963 organizaram-se em média dez novas igrejas.

Financeiramente, o aumento de dízimos durante o ano foi de 9,6 por cento, e o das ofertas missionárias foi de 7,9 por cento.

Certamente nossas igrejas e dirigentes da Divisão Trans-Africana têm a peito trabalhar para o triunfo final da causa de Deus.

W. R. Beach

A BÍBLIA

Continuação da pág. 5

de Reis; 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester

2. Os livros didáticos ou poéticos: Livro de Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes ou livro do Pregador,

Contares de Salomão ou Cântico dos Cânticos.

3. Os livros dos profetas.

Se nós considerarmos as épocas em que estes livros foram escritos, quer dizer, em que os seus autores, os profetas, profetizaram, podemos classificá-los assim:

a) O período assírio, anterior ao exílio de Babilónia (meio do século VIII a 597 A. C.). Pertencem a esta época os seguintes livros: Amós, Oseias, Miqueias, Jeremias, Sofonias, Naúm, Habacuc e poderíamos ainda juntar Joel e Jonas.

b) O período caldaico, depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor (586-587) até à volta do cativo (538). A este período pertencem os seguintes livros: Isaías, Ezequiel, Daniel e Obadias.

c) Período após o Exílio. A esta época pertencem os livros de Ageu, Zacarias e Malaquias.

Uma outra maneira de classificar estes livros é a seguinte:

— Quatro grandes profetas ou profetas maiores — Isaías, Jeremias, Daniel e Ezequiel.

— Profetas menores — Oseias, Amós, Joel, Obadias, Jonas, Miqueias, Naúm, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

O Novo Testamento compõe-se de 27 livros também divididos em três partes:

1. Os livros históricos: Evangelhos e Actos.

2. Os livros didáticos: Epístolas.

3. Um livro profético: Apocalipse.

O Velho Testamento, à parte certos fragmentos em aramaico, foi escrito em hebraico, a língua dos hebreus ou judeus.

O Novo Testamento foi escrito em grego vulgar e não em grego clássico.

Vale a pena conhecer a fundo todos os livros da Bíblia. Seria bom conhecê-los de cor segundo a ordem em que se acham nas Sagradas Escrituras. Isso nos facilitaria o manuseamento deste Sagrado Livro.

Notícias do Campo

Nova Lisboa

Como tivemos o prazer de informar no número 12 deste Boletim, a Sociedade de Beneficência «DORCAS», da Igreja de Nova Lisboa, desenvolveu considerável actividade durante o ano de 1963.

Depois de fechada a escrita e compilada a estatística do ano transacto, podemos informar mais concretamente os nossos leitores.

A Sociedade distribuiu em 1963, entre 108 famílias menos afortunadas, além de literatura religiosa, 435 peças de roupa e 103 caixotes de géneros. As fiéis irmãs da Sociedade trabalharam para cima de 1.200 horas, não contando com o tempo dispendido em visitas missionárias. O valor material da beneficência feita cifra-se em 51.285\$00 e, estamos certos, o valor espiritual é incalculável.

Nós estamos muito gratas ao Senhor pela ajuda e ânimo que nos concedeu durante o ano findo.

A Sociedade continua animada dos melhores propósitos para o ano corrente. Assim há grande entusiasmo em torno das reuniões realizadas quinzenalmente e espera-se que todas as irmãs da Igreja decidam estar presentes.

Certamente o Senhor está a abençoar este magnífico trabalho, não só em Nova Lisboa mas em todas as Igrejas de Angola.

Rogamos as orações de todos os que se interessam por esta obra de assistência social.

Violeta Rodrigues

Missão da Namba

Queremos apenas tomar alguns momentos das vossas lidas diárias para vos pôr ao corrente do que se vai passando na Missão da Namba, tão cruelmente afectada pelos terríveis acontecimentos de 1961, de tão triste memória.

Podemos dizer que nessa altura as actividades regulares da Missão ficaram praticamente paralisadas. Pouco a pouco, porém, as coisas voltaram ao seu normal, como não podia deixar de ser e, de novo, voltámos às nossas tarefas habituais.

No Campo Missionário, graças a Deus, as catequeses foram abrindo; novos catequistas foram colocados em aldeias que estavam abandonadas e se mais catequeses

não foram postas a funcionar é porque não houve, nem há ainda, obreiros suficientes.

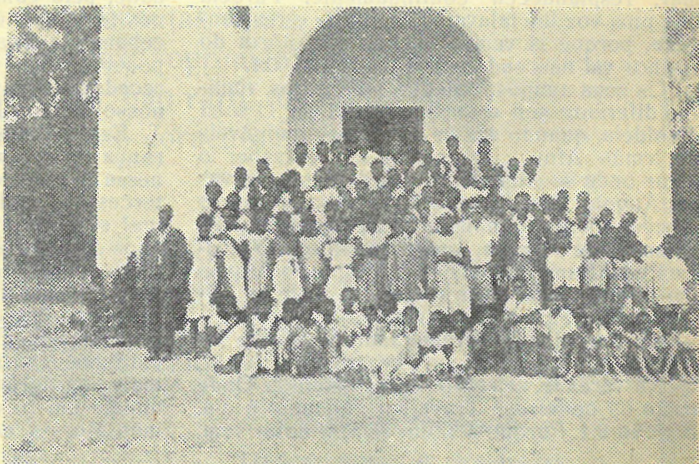
Na Missão propriamente dita podemos dizer que tudo entrou já naquele ritmo normal, costumeiro em todas as outras Missões. A escola da Missão reabriu com cento e quinze alunos, todos matriculados na Repartição Escolar. É com grande alegria e com o coração cheio de agradecimento a Deus, que vemos o bulício, o movimento dos alunos que diariamente seguem as tarefas ordenadas pelo programa: Escola e Trabalho. Voltamos a reafirmar a nossa alegria e ratidão para com Deus pois bem sabemos a relutância que a princípio tivemos de vencer nos pais para autorizarem os seus filhos a virem para a escola. O medo provocado pelos acontecimentos de 1961 tinha-lhes tirado a vontade de enviarem os filhos para a escola. Diziam eles quando lhes falavamos nas vantagens de ensinarem os filhos a ler e escrever: «Não, porque só os que sabiam ler e escrever é que foram presos. Portanto, os nossos filhos não vão aprender a ler e a escrever». Só depois de os pais compreenderem que esta é a vontade das autoridades, que todos aprendam e que mandem seus filhos para a escola, é que decidiram fazê-lo. E foram tantos que fomos obrigados a recusar alguns por falta de alojamento.

Vemos, pois, como a Mão de Deus vai agindo e que, apesar de tudo, o trabalho de Deus nesta região de Angola vai pouco a pouco voltando à normalidade que antes se verificava.

Agradecemos as vossas orações para que Deus continue a ajudar-nos e a dirigir a Sua Obra no Campo Missionário da Namba.

Vosso conservo em Cristo

A. Valente



Missão da Namba, Grupo de alunos

Ao sul do Concelho Administrativo de Vila Nova, no Distrito do Huambo, encontra-se situada uma aldeia chamada Ulondo.

Nessa aldeia vive um pai chamado Satula. Interessando-se pela instrução dos seus filhos, enviou-os a uma escola evangélica, onde se instruíram até à terceira classe primária. Esse velho pai, incapacitado de os manter por mais tempo na escola, resolveu fazê-los aprender diversos ofícios. Com a instrução que tinham, não demorou que sassem aperfeiçoados nesses ofícios. Um deles, de nome Afonso Dimba Satula, tendo-se despedido de seus pais, saiu para Chimboa, Ganda, a fim de trabalhar como sapateiro.

Ali ele ouviu falar dos Adventistas do Sétimo Dia. Com muito interesse comprou um catecismo adventista. Estudou-o e alegrou-se muito com o conteúdo do livro.

Em certa altura, um velho chamado Efraim Lumbongo, natural do Bongo, Lépi, foi para Chimboa e ali se encontrou com o jovem Afonso Dimba. O jovem perguntou-lhe se podia ir com ele, a fim de fixar a sua residência na Missão do Bongo. Foi assim que ambos foram para o Bongo. Ali chegaram a 28 de Maio de 1953.

Em 1955, o jovem foi baptizado e no mesmo ano realizou a sua festa nupcial.

Em 1958, partindo ele do Bongo foi para Sunguete, Chingolo, receando que, se voltasse para a terra natal, não encontraria alegria por não haver ali outros crentes da sua igreja.

Em 1960 o filho querido desse irmão esteve gravemente doente pelo espaço de dois meses contínuos. Nessa penosa condição, o Afonso Dimba começou a pensar nos seus pais. Não podendo permanecer mais em Chingolo, voltou à sua terra natal. Cuidais que por ele ter chegado à sua terra natal se esqueceu do seu Deus? Não!

O Afonso Dimba, como um farol junto do mar, resplandeceu continuamente. Parecia que uma voz lhe falava: «Levanta-te e resplandece, porque já vem a tua luz e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti» Isaías 60:1.

Os seus amigos, colegas, pais e tios viam-no diferente sob o aspecto religioso. O soba da aldeia, quando viu as condições amigáveis do Irmão Afonso, interessou-se por saber o lugar onde se encontrava a sede dessas novas em Angola. Com a máxima urgência, o Afonso Dimba pôs-se a caminhar 80 quilómetros para Upunda, Bela Vista, onde encontrou o mestre Pedro Sambongue. Este entregou ao Afonso um bilhete para levar à Central onde se encontrava o Pastor Dinis Capiñala.

Um ano depois foi mandado para esse lugar um obreiro, de nome Noé Ricardo.

Na verdade, as searas estão maduras. Onde estão os ceifeiros? Trabalhai enquanto é dia. S. João 9:4. Porque a noite vem, a noite vem.

Noé Ricardo

Encontrámos em Moçamedes em 1954 a irmã Deolinda Morais e sua filha mais velha que eram as únicas crentes que tínhamos no seu lar. Procurámos ganhar a confiança do seu esposo e interessá-lo na Verdade Presente, mas ele tinha outras ideias e também se desculpava com o emprego. Trabalhava como carpinteiro contra-mestre nas oficinas do Caminho de Ferro de Moçamedes. Em 1956 eles foram a Portugal em gozo de licença e ele resolveu reformar-se depois de 25 anos de serviço ferroviário em Angola. Mas deixaram o coração em Angola. Não conseguiram adaptar-se ao clima e à vida de Europa, por isso voltaram a Moçamedes.

Certamente que a fidelidade e exemplo das nossas irmãs e a operação do Espírito Santo no coração tiveram mais forças sobre o esposo do que inicialmente nos parecia ser o caso. Assim, depois de regressarem a Africa e continuarem a frequentar a igreja, o irmão Manuel Baptista Morais, recebeu o baptismo por imersão ministrado pelo irmão João Chaves, unindo-se à igreja de Moçamedes aos 64 anos de idade.

Uma semana antes do irmão Manuel Morais falecer no Hospital Adventista do Bongo de uma doença incurável que se declarou pouco antes em Moçamedes, ele registou por escrito a seguinte oração que foi encontrada na sua Bíblia depois de finar-se e que reproduzimos:

«Deus de poder e bondade, graças te dou, Senhor, Pai amantíssimo, pelas bênçãos que de Ti tenho recebido. Abençoa todos os filhos da Tua igreja. Tem compaixão de todos os doentes — cura-os; de todos os necessitados — socorre-os; de todos os aflitos — auxilia-os; compadece-te de todos aqueles que andam fora do Teu rebanho. Faz com que a Tua mão forte e poderosa seja a sua e a nossa guia, e nos guie a todos pelo caminho da luz e da verdade, pelo caminho do bem, para que todos nós tenhamos um cantinho no Teu reino e recebamos a Tua santa bênção de Deus todo-poderoso, não porque sejamos dignos ou merecedores, mas pela infinita compaixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Amem».

Esse saudoso irmão, que dorme na esperança da ressurreição dos justos, manifestou nessa simples oração um belo espírito de intercessão: lembrou-se da necessidade espiritual e material dos outros. Faleceu aos 66 anos de idade em 30 de Maio de 1962, no hospital acima indicado, onde dera entrada na véspera, mas a oração que teve o cuidado de escrever, provavelmente para fixar melhor seus pensamentos e agarrar-se a ela até o fim, continua a viver e a inspirar-nos a uma vida mais consagrada ao Senhor. Oxalá muitos que andam em trevas como outrora andara o irmão Morais, aceitem a Jesus como ele o fez.

E. V. Hermanson

Boletim Adventista